Correio das Artes

Ano I Número 37 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 4.12.1949

VINHETA DE YLLEN KERR

POETAS

SÉRGIO MILLIET

Já tentei caracterizar a jovem poesia brasileira pelo retorno à forma, à disciplina, ao pudor verbal, pelo temor ao pieguismo, o receio do vulgar, tudo levando a uma densidade expressiva que se apoia no ritmo de preferencia à melodia e busca na renovação sintaxica sua originalidade maior, a exemplo do que fez um Valery. Teria que repetir essas observações para falar de Edson Regis (O Deserto e os Números — Edições de Orfeu, Rio, 1949). E teria tambem que voltar a certos comentários feitos a João Cabral de Melo Neto a proposito do seu livro «Psicologia da Composição». Eis o que eu então escrevia: «O poeta não quer ser dominado pela inspiração... Tudo passará por um crivo selecionador e se transformará em geometria... Porque a beleza está (para ele) nesse equilíbrio de linhas voluntário, que a inteligencia arquitetará com o material do sentimento. Nenhuma obscuridade, o que não quer dizer nenhum hermetismo, porquanto hermetico é tambem teorema para quem não fala a linguagem geometrica». E essa mesma interpretação de ambos os poetas se justificaria sem dificuldade pela simples comparação dos ritmo e quase com as mesmas poemas que ambos apresentam à guisa de «manifesto». Quando Edson Regis nos diz:

Não terei a pressa
que aniquila o verso.
Na manhã presente
talvez a flor não seja
como anunciaram.

não fez outra coisa senão acompanhar dentro de outro palavras o que escreve Cabral de Melo Neto:

Que jovem manhã
revele as flores
da vespera.

Ambos desconfiam da aparencia superficial e facil, das exterioridades imediatas da inspiração. Ambos apontam a necessidade de uma espera, de amago real de coisa. O parentesco é evidente e significativo. E quando se refere à palavra:

nitida e leve
como pura lagrima,
lenta, rolando
pela face

Edson Regis endossa o pensamento de Cabral de Melo Neto acerca do cuidado imprescindivel de que se deve cercar o verso:

desse fio fragil que rompe
ao peso, sempre, das mãos
[enormes.

No entanto, Edson Regis se me afigura bem menos preso a esse estoico desejo de retenção. Talvez menos capaz de obedecer à lei que a si mesmo impôs. Esse poema «frio e intocavel» que pensa a escrever e do qual determina «os angulos», a todo instante se liberta do dominio inteligente do poeta. E é quando se despe da auto-critica e surge nú na sua humildade, que Edson Regis nos revela sua verdadeira personalidade, suas diferenças, que se mostra um

CANÇÃO MARITIMA

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

Antes nascesse marinheiro
e hoje estivesse recordando,
não o teu nome de má sorte,
mas a voz rouca dos oceanos.

Antes nascesse marinheiro
e encontrasse, nos remotos
confins do mar, um leito de algas
em vez do teu cabelo sôlto.

Antes nascesse marinheiro
e recebesse, numa ponta
de fria espada, a morte (breve)
que me vem, lenta, da tua bôca.

e único entre os demais «uns» e «único» de sua geração:

Levo o meu corpo como se
[fosse entregá-lo à morte,
depois de escrever o último
[poema,
para que eu seja ao menos
[uma humilde planta
no solar de Deus.

Observem-se, confirmando esta minha afirmação, as soluções ritmicas diversas nas duas fases de sua poesia. Quando se aproxima da «escola» prefere os versos medidos de cinco silabas, que restringem as possibilidades de variações ritmicas, muito embora não careça o poeta de invenção e saiba como ninguem jogar com essa medida facilmente «vulgarizavel». Mas quando dela se afasta — e se encontra — já seu ritmo se torna mais amplo, abandona o verso medido, apela para as tonicas distribuidas em obediência à dição natural. E' então como uma prosa poetica, disposta tipograficamente, tão apenas de modo a se indicarem as pausas desejadas na leitura.

E' nesses poemas mais livres, ainda que não menos sobrios, que eu descubro um Edson realizado, um Edson Regis com mensagem propria, feita afinal de muito mais angustia do que seria de prever ante o programa estabelecido nos primeiros versos. Ouça-se, o inicio da serie de «Viagens», em que o homem inquieto diante do incognoscivel, o homem que se atormenta e desejaria apegar-se ao sossego do presente, mas sente que não resistirá ao apelo do misterio, se apresenta com toda a sua dolorosa fraqueza:

Não, não vamos além da ponte
que se estende como um estra-
[nho monstro
obstinadamente parado,
atraindo incautos transeuntes.
Depois da ponte ha desvios,
o país das trevas,
a cidade dos loucos,
o reino do imaginário,
e não temos uma regua
para medirmos
as dimensões do circulo da
[morte.
. . . . . .

Mas partirá, sem regua nem bussola, porque partir é uma fatalidade. Porque os passaros emigram, e os homens andam se deslocam:

...é preciso fazer a viagem
— deixar os corais nesta praia,
a filha do pescador soprando
[nos buzios,
o filho pensando no pai morto,
deixar tudo isto, tudo, os ami-
[gos —

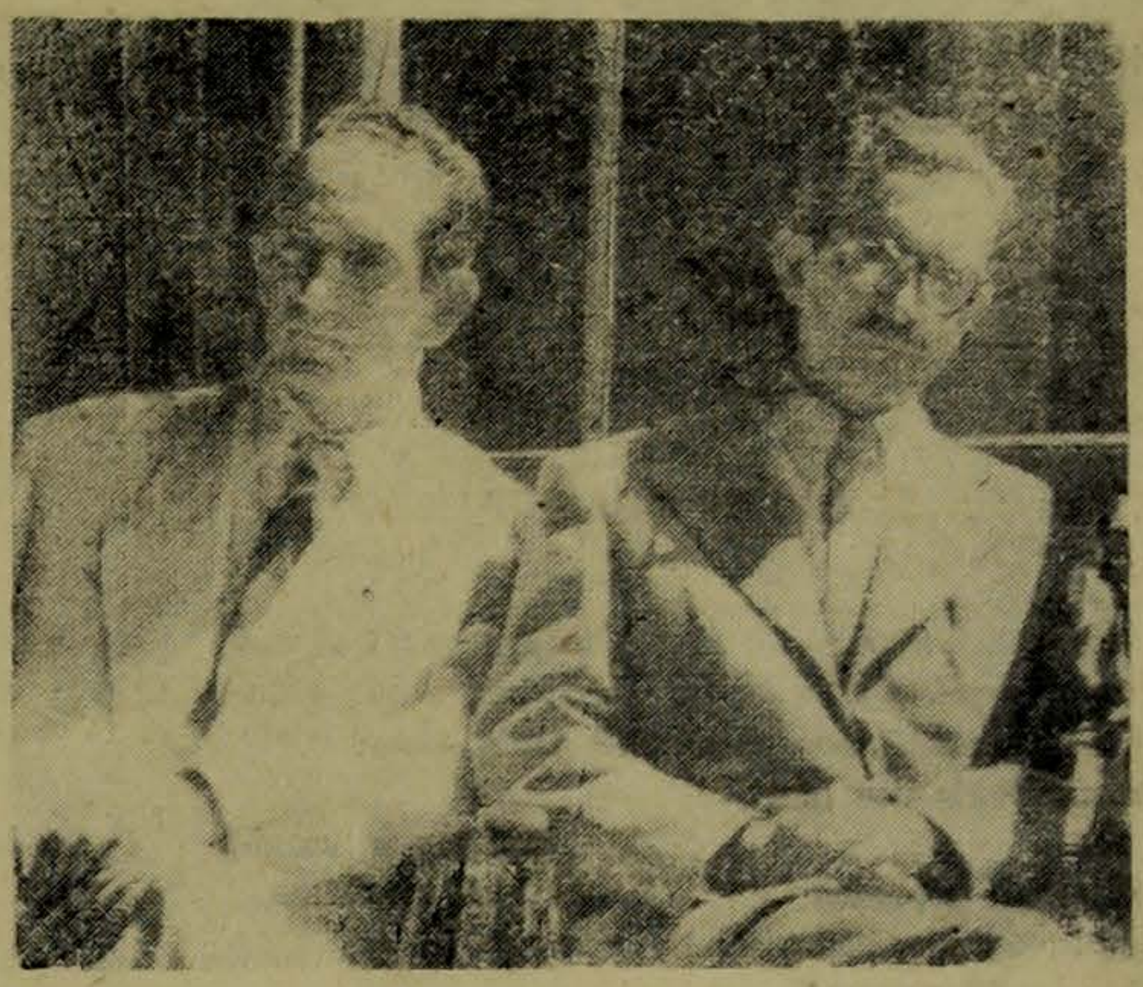
Nesses versos, Edson Regis alcança a poesia da emoção, da sensação e da idéia arrancadas de dentro de si proprio, do mais profundo do seu inconsciente e portanto do consciente coletivo, do residuo que jaz em cada um de nós. E, curiosamente, dá assim um sentido aos unicos versos do «programa» que pareciam estranhos em meio à geometria distante e altiva dos demais:

liga teu verso
a ti mesmo
que ao céu noturno
será mais puro,
embora um misterio

A «Revista Brasileira de Poesia», em seu numero 5, preste homenagem a Rilke, publicando além de um comentário erudito e perspicaz (em fim de artigo) de Carlos Burlamaqui Kopke, varias traduções dos poemas do grande poeta. Assinam-nas Dora Ferreira da Silva e João Accioly. Louvando o esforço de ambos, quero, entretanto, ressaltar o trabalho realmente excepcional de Doria Ferreira da Silva, que se alça, por vezes, na sua tradução, ao nivel das melhores paginas do original, e supera sem duvida outras traduções em inglês e francês, que conheço. Como exemplo, estes trechos:

Ousasse alguem, num gesto de
[favor,
arrancar a mascara pegada
à face autentica das coisas
[(veriamos
rostos desvariados, de olhos
que caladamente olham, através
de frestas disfarçadas).
. . . . . .
. . . . . Tivesse
a leve mão de uma mulher
tocado o inicio fragil desta ira;
encontrasse alguem, imerso
no trabalho, quando partiste
em silencio para cumprir o teu
[gesto;
aflorasse teu passo uma oficina
desperta, onde os homens se
[curvam
sob o peso dos martelos,
enquanto o dia se desfolha
simplesmente: ou que em teu
[olhar
houvesse apenas o espaço breve
para acolher a imagem laborio-
sa de um coleante. - Deci-
frarias então, numa lacuna o
texto que desde a infância gra-
[vaste em ti profundamente,
fugitivas: ai que absurdas pa-
[reciam!.....

Que os tradutores de poetas meditem sobre essa perfeita comunhão do tradutor com o autor.



O escritor paraibano Glaucio Veiga ao lado do ensaista pernambucano Edson Nery da Fonsêca, num flagrante colhido na Faculdade de Direito do Recife, por Edson Regis.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor — *SILVIO PORTO*

CORREIO DAS ARTES

Orientação de *EDSON REGIS*

Secretário de Redação

EDUARDO MARTINS

Redatores:

Carlos Romero — Dulcidio Moreira

George Mattos — Juarez Batista

JOAO PESSOA — PARAIBA

«BANDO»

Temos em mãos o numero 10 do «Bando», revista que se edita em Natal, no Rio Grande do Norte. Já merece especial registo, tanto pela sua bôa orientação como pelas constantes remessas de novos números que estamos sempre a receber.

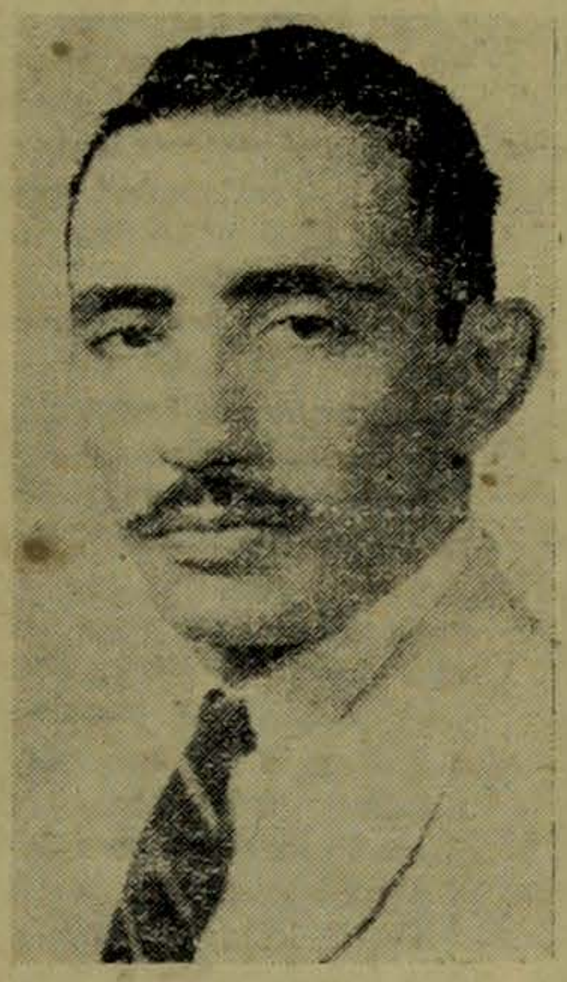
ANTOLOGIA POÉTICA DA NOVA GERAÇÃO

ORGANIZADA POR FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

ALUIZIO MEDEIROS

VI

Aluizio Medeiros nasceu a 16 de Novembro de 1918, em Fortaleza. Formou-se em 1944, pela Faculdade de Direito do Ceará. Foi um dos Organizadores do Primeiro Congresso de Poesia do Ceará. Publicou os seguintes livros de poemas: *Trágico Amanhecer*, 1941; *Mundo Evanescente*, 1944; *Os objetos*, 1948. Em 1947 lançou a primeira série de sua obra "Critica". Tem anunciado: *Passado Redivivo* (ficção) *O Homem Diurno* (poemas e a 2.ª série de "Critica".



A GRAVATA

Minha companheira de todos os instantes
multicor e multiforme
multidão no oceano da imaginação.

Abstrato no fôsso das ruas vou
mas as fronteiras dos trilhos impedem
o caminho para o mercado.
Volto atônito sob os fios
e o imprevisto das navalhas.

Lúcido e lógico pago o café
no circular convivio dos amigos.
Entre nós, porém, com o vento vem
os lampejos da aurora
e na mêsa a estrêla cái, inesperada.

Tatuagens das tecelãs,
encobertas pelo arco-íris mecânico.
Impávido é o pescoço
envolto em formas e côres
entretanto mais um movimento seria
o suicidio da miséria
— fascínio da mão ausente.

Sôbre o oceano e o desejo
abstrato, lúcido e compreensivo
no pescoço e no convívio
minha companheira de todos os instantes.

A GARRAFA

A garrafa sôbre
a prateleira ali
a garrafa cheia,
visivel, intocável.

Garrafa térmica?
ou garrafa apenas?

Lacre sobre a boca
da garrafa cheia
lacre? não
halo da proibição

A garrafa cheia
de agua? de gin?
de whinsky? sim
de um liquido qualquer
sobre a mesa posta
ao lado do prato
natureza morta.

A garrafa entorna
sobre taça? copo?
o liquido transborda
escorre da mesa
delicia do liquido.

A garrafa vasia
(lacre na boca? não)
sobre o prato vasio
natureza morta.

Quem bebeu a água?
o gin? o whinsky?
o liquido qualquer?
eu? tu?
não nós
mas ele
ele só
que é um.

A garrafa vasia.

POEMA DA COMUNIDADE

A minha casa
onde falo
sem medo
onde penso
onde escrevo
não é minha
é de vós.

O meu livro
aberto
lido
não é meu
é de vós.

A minha ansia
incontida
pelo homem
pelo mundo
não é minha
é de vós.

O meu pão
parco
dificilimo
não é meu
é de vós.

O meu poema
o meu pão
a minha ansia
o meu livro
a minha casa
nada é meu
tudo é de vós.

Eu não sou eu.
Eu sou vós.

ELEGIA

Não fales no filho
que não conheci.
Os olhos, disseram,
como os do pai
eram tristes;
da mãe tinha a bôca
o nariz também.
Por três segundos
respirou, disseram.
Morreu depois.
O mundo deixou-lhe
a marca, disseram,
numa injeção que tomou.
Coberto de lágrimas
foi e não voltou.
Não fales no filho
que não conheci.

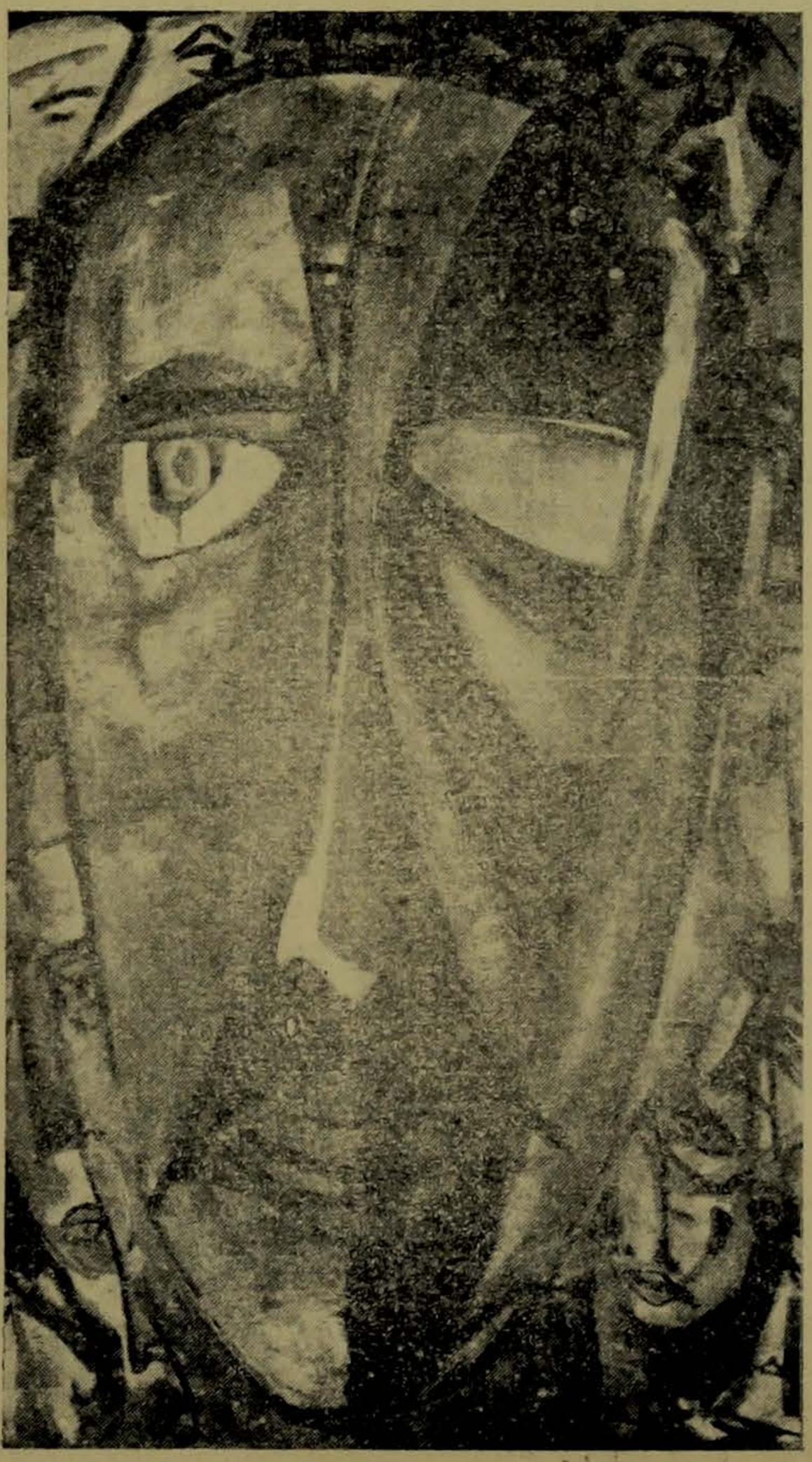
BRENO ACCIOLY

TOMAS SEIXAS

No dominio atual do conto, no Brasil e em Portugal, Breno Accioly já se tornou um nome de referencia obrigatória para aqueles que acompanham a evolução da literatura em lingua portuguesa.

Dotado de uma originalidade incontestável, absolutamente independente de mestres e de escolas, Breno Accioly é um desses escritores que deixa aturdido o pesquisador de formação literárias.

Não iludiram-se, entre outros Mário de Andrade e Gilberto Freyre, quando desde cedo reconheceram a grande significação da mensagem literária de que era portador o então adolescente que surgia no Recife escrevendo contos que pela riqueza de imaginação e pelo conteúdo poético o situaram logo entre os melhores contistas. Dentre os trabalhos de Breno Accioly dessa fase destaco especialmente dois, que se não me engano, foram dos primeiros que escreveu: o «Condado de Green» e «Um artista perdido num bar». Lembro-me de ter ouvido Gilberto Freyre referir-se com entusiastica admiração aos contos de Breno publicados no «Diário de Pernambuco» e «Jornal do Comércio» quando o nome do creador de «João Urso» era então o de um quase desconhecido. Quase desconhecido que entretanto dava aos seus leitores a insofismável garantia de uma autentica vocação de escritor.



FREDERICK FRANK'S — ESTA MASCARA TRAGICA, "AGNUS DEI", É A CONCEPÇÃO ARTISTICA DO HOMEM DE HOJE, PERDIDO, APAVORADO

Contista profundamente original, dotado de uma imaginação tenebrosa e mesmo tanto bizarra e aguda capacidade de analisar o nosso mundo interior, Breno Accioly possue, em gráu mais alto ainda uma estranha força poética. Força poética que foi justamente o que mais me surpreendeu nos seus primeiros trabalhos. Trabalhos esses talvez desconhecidos da maioria dos seus leitores atuais porque infelizmente o seu autor ainda não os reuniu em livro. Aliás creio ser a maior qualidade literária de Breno a revelada desde cedo nos seus primeiros trabalhos, ou seja o poder de desdobrar, vertiginosamente quase, em diferentes gradações as mais sugestionadas imagens, transformando assim o conto num motivo mesmo de poesia. Razão pela qual não hesito em classificá-lo um dos nossso melhores poétas. Algumas das imagens creada por ele, se por capricho de autor ou curiosidade ou experiência de algum antologista fossem isoladas da sequencia dos seus contos, especialmente dos primeiros, constituiram verdadeiros poemas ou fragmentos de poemas em prosa. Possuidor de uma incoercível poética, por vezes até bastante tumultuaria, sua poesia, acha-se cada vez mais ligada a uma intensa preocupação de tragédia.

Colorista amante das cores sombrias e violentas — talvez sem igual em nossos letras — Breno Accioly transforma, ou melhor transfigura — porque o fenomeno é verdadeiramente de transfiguração — o acontecimento mais banal ou o tema mais comum da existencia cotidiana numa fonte mesma de poesia e de dramaticidade, sendo assim um artista a quem o trágico cotidiano impressiona na mais larga escala. Propensão que se tornou ainda mais acentuada no seu ultimo livro «Cogumelos». Livro esse de um tão rico conteúdo psicológico e de uma tão forte vida interior que fez Gilberto Freyre, num dos seus mais lúcidos prefácios, situar o seu autor naquele excepcional «grupo de escritores ou romancistas complexos cujos contos ou romance nenhum de nós lê colhendo da leitura apenas um prazer superficialmente estético ou convencionalmente literário. São contos os seus que quase sempre nos levam á presença de alguma cousa de pouco conhecido, de pouco confessado, de pouco revelado e até de ignorado na turva espécie humana». Interpretando, ou buscando interpretar, atravéz de uma arte singularíssima a nossa enigmática vida interior Breno Accioly comunica-nos poderosamente a angústia dos seus dolorosos personagens. Muitos dos quais parecem agir como que possuidos de uma angústia sem nome vinda dos recessos mais tenebrosos ou mais obscuros da natureza humana. «Cogumelos» gira quase todo em torno desse tema onde os vicios e as paixões renascem sem cessar á semelhança daqueles fantásticos e simbólicos cogumelos de um dos seus contos, e a visão da vida que esse livro nos dá é a de um lugar dominado por forças sombrias, bizarras e extravagantes.

HORIZONTES

Lope da Vega, famoso comediógrafo espanhol, soldado e grande amoroso, escreveu um dia: «Com algumas flores em meu jardim, meia duzia de quadros e alguns livros, eu vivo sem maiores ambições».

Presença e Poesia de EDSON REGIS

WILTON VELOSO

Nunca se sabe ao certo os verdadeiros motivos que levam os poétas a viverem num mundo fabuloso e heroico, e a desejarem sempre um destino diferente para ás suas vidas. Porque não há mesmo para eles uma solução humana dos seus conflitos, nem mesmo uma explicação lógica dos seus heroismos ou das suas fraquezas. Porisso, considerados por muitos, sêres exóticos e diferentes, que vivem «vidas imaginárias», eles são na realidade apenas crianças que refizeram, pelo triunfo da sensibilidade pura, o milagre de uma puréza, de uma virgindade espiritual distante ou quasi perdida. Na verdade, eles estão muito acima ou muito abaixo dessa vida comum, extraviada e dispersa, da maioria dos mortais. Há mesmo em seu mundo, vaga e indefinivel, uma «translúcida presença da morte» que é tambem nelas, muitas vezes, a maior e mais irrecusavel afirmação de vida. Nem sempre, por isso mesmo, a compreensão — eu diria melhor, a justificação da verdadeira poesia — se prende a um fator de inteligencia ou de cultura considerado isoladamente. O fenomeno poético tem, na verdade fontes mais remotas e profundas, ligando-se de modo infinitamente mais forte ás nossas grandes realidades emotivas, e ás origens mais puras do sentimento e do ser. Assim, ela será sempre um mistério, um permanente e suave mistério que desafia o nosso entendimento imediato e subjuga a nossa vontade com a sua maravilhosa e surpreendente presença.

E si para sentir a poesia se exige de nós um especial estado de euforia espiritual, para julgá-la é ainda mais grave e exige necessáriamente um irrecusável esforço de superação. Temos que nos colocar num plano diferente, numa espécie de zona neutra onde as suas forças misteriosas e indecifráveis não perturbem o nosso equilibrio ou nos tirem momentaneamente a lucidez tão essenciais ao seu julgamento. — Isto porque a poesia — seja como atividade supra-racional do espirito, ou como pura e simples creação verbal — seja como for ela desafia inelutavelmente a nossa sensibilidade e a nossa compreensão pelo seu sentido ezistencialmente transcendente e misterioso. Ainda mais: ela não se detém contemplativa e satisfeita deante das mesmas paisagens e dos mesmos horizontes. Sua essencia mesma é invariavelmente uma insatisfação que se traduz por uma constante procura, sempre crescente e maior, de novas belezas e de novas emoções. Pode-se até falar de uma «estrutura heraclitana» da poesia, como queria Gasset. A emoção sentida ante um mesmo poema será sempre renovada e diferente para cada individuo — e tambem para um mesmo individuo — pois em cada nova leitura ou contacto encontramos, vivo e fecundo, um sentido imprevisto de verdade, uma sempre nova sugestão de oculta beleza. E' que a poesia representa sempre uma espécie de busca maravilhosa nesse mundo fabulosamente rico e encantado que existe dentro de cada um de nós, mas que bem poucas vezes suspeitamos dêle: a infancia. E somente a poesia nos dá a alegria desse reencontro, que nos chega como por magia, ou pela convivencia insuspeita, fazendo explender em nossa alma a sua presença gloriosa.

Pois há em todos nós, em que pese uma aparente ausencia de lembranças, uma funda nostalgia do passado, da infancia remota, que tenta continuamente ressurgir e aparecer por uma inclinação fatal do nosso espirito que nela se recolhe como refugio ou salvação. Acordando, quasi sempre, a criança que deixamos viver dentro de nós «entre as quatro paredes das coisas asperas, das coisas tristes, das coisas frias, com que vamos murando lentamente a nossa infancia, reclusa sim, mão não perdida». E o poéta será então a única creatura capaz de manter puro e intocável esse mundo de infancia, de devolver ao espirito aquela inocencia primitiva, e de refazer totalmente o «suave mistério que a vida desfez». Porque êle é, enfim, aquele que as paixões não conseguiram corromper a alma, aquele que conservou a pureza de espirito em meio e acima das fraquezas humanas, aquele que a vida separou e humilhou, mas que tambem, não lhe pôde tirar, nem lhe tirará jamais, o tesouro insubstituivel de sua infancia.

Surpreendo agora, com rara alegria, todas estas qualidades que somente nos comunica a verdadeira poesia neste livro de estréia do Sr. Edson Regis («O Deserto e os Números» — Orfeu — 1949). Qualidades que eu pressentira já naquela sua admirável «Elegia a Deolindo Tavares» em que o poéta fala tão comovidamente, tão compreensivamente do outro poéta morto. Poéta que ele não conheceu pessoalmente, sabendo apenas que «muitos falaram» e que carregava com ele as «angústias de todas as auroras do futuro», mas de quem possue uma profunda identidade, e de quem ficará sendo — como

FREDERICK FRANK'S — O HOMEM MODERNO VISTO POR UM ARTISTA MODERNO

sentimos neste seu livro de estréia — o mais fiel continuador de sua mensagem lirica. Perisso ele diz:

«Ouço o teu canto voando entre sombras distantes
entre matérias ausentes, mas não sei em que parte
Em que mar os teus poemas
e o teu corpo de poemas adornado
estão caindo como chuvas de Maio
entre alvissimas pombas e imprevistas violetas?
.....
Ouço o teu canto atravesando o tempo
o teu canto da côr dos teus olhos elasticos deante
[da poesia
aprisionando nas suas azas de luz instantanea e
[pura
as músicas de todas as madrugadas frias».

Este poder de renovação pela simplicidade na sua poesia, esta capacidade de sugerir e revelar as mais desconhecidas emoções, animada de uma intima ternura — surpreendidas por mim naquela elegia publicada no «Diário de Pernambuco» há dois ou três anos atráz — me fizeram suspeitar, desde logo, da existencia de uma garantia definitiva para o destino da nova poesia. Senti tambem que o vazio poético deixado por Deolindo Tavares — Deolindo foi até mesmo pessoalmente o mais estranho caso dê identidade plena entre o poéta e a sua poesia: «o mais belo mancebo e poéta que jamais passeou pelas ruas do Recife», como afirmou certo cronista, — havia sido magnificamente preenchido por um poéta, que como êle, tinha tambem um senso quasi profético de beleza. E não encontrei nele este sentido de morte que já se quiz ver como uma constante impenitente de sua poesia. Nota-se é certo, uma acentuada preferencia sua, ou melhor, um certo encanto quasi, pela palavra «morte» que ele emprega, mais como um recurso admirável de sua poesia do que como uma expressão lógica de fuga ou aniquilamento do seu espirito e do seu corpo. E se Deolindo Tavares sempre sofregamente desejou «morrer do outro lado do mar» — como tão belamente se cumpriu o desejo e o seu belo destino — o sr. Edson Regis apenas não quer «morrer antes da aurora». Existe, contudo, em ambos, uma incontida e singular vontade de viagem, de evasão para a morte, como solução definitiva em Deolindo, como um meio de retornar â infancia, no sr. Edson Regis. Ele próprio, o sr. Edson Regis, é quem confessa pensar neste mundo «como se ainda permanecesse na infancia». E esta constante presença da infancia nele, esta face do seu poema «que se esconde no labirinto do sonho», é que vai constituir, em todo o seu livro, o simbolo essencial e definitivo de sua poesia. Tão forte e tão presente como os «pianos» na poesia de Murilo Mendes, como o Mar e a Noite em Schimidt ou como as estrêlas na mensagem lirica de Carlos Drummond de Andrade. E' comum aliás, a utilização destes simbolos pelos poétas, aos quais se ligam absorventemente e que lhes dão, quasi sempre, uma caracteristica definidora de suas poesias, uma formula personalisima aos seus poemas. Pois, sob o signo da infancia desenvolve-se na poesia do sr. Edson Regis, uma série magnifica de emoções infantís, que se sucedem num desdobramento infinito de imagens, que são as mais belas e sinceras jamais sentidas e sugeridas por esse temas tão fecundo e inesgotável. Dele nos dá, portanto, os seus melhores instantes liricos, quer pela pureza, quer pela ternura inocente das suas mais fortes e longinquas recordações, como nesta incomparável «Canção da Vila», aliás, dos sonetos o único digno de menção:

Uma canção singela nesta noite
tomou-me todo misteriosamente
foi a canção que ouví ha muitos anos
na Vila onde passei a minha infância.
Na canção veio a música dos pássaros
(dos sabiás da mata, e dos canários)
pelos quais o meu pae dava altos preços
e Agripino o melhor dos seus cuidados,

A canção ainda trouxe as vozes doces
das meninas que vinham das Fazendas
dansar ao som da Banda de Patricio

— Canção da vila, deixa os meus ouvidos,
tu és a minha vida de menino,
o tempo que voou no gramofone.

Há nas suas palavras, em todas as suas palavras, uma enorme ternura que nos comunica uma impressão indefinivel de inocência e de bondade que passa pela sua poesia como um orvalho muito puro e muito leve, como uma enorme sombra acolhedora e amiga. Esta tensão lirica porém, não permanece integral e absoluta em todos os seus poemas, pois deles há em que ela diminue consideravelmente e desaparece quasi, deixando-nos uma sensação muito extranha de mutilação e desencanto, como estes versos de «Nenhuma Esperança»:

Não o sonho frio
— sonho frio apenas —
(Nem o velho signo
das antigas horas,
já desfeito) me
desespera e nutre
meu horror da morte.

Isto não é, contudo uma coisa que suceda muitas vezes neste poéta que possue, como bem poucos de sua geração, um senso admirável de equilibrio e um raro poder de expressar todos os seus sentimentos num estado de absoluta purêza. Confesso, ainda, ser o sr. Edson Regis um poéta de infinitos recursos, e que estas «quedas» na sua poesia constituem apenas o reflexo de uma sensibilidade inquiéta, impulsionada sempre por uma constante necessidade de adaptar e harmonizar uma verdadeira forma de expressão aos seus sentimentos mais profundos e ás sensações mais puras da sua infancia. Pois, embora guardando uma personalidade poética inconfundível, estas experiencias formais se sucedem em todo o seu livro numa promiscuidade aterradora, indo ás vezes cair nas formas detestáveis de um sonêto, como este de incrivel significado que se intitula «Sombras». Não sei se o sr. Edson Regis o que deseja é uma reabilitação do sonêto como forma ideal de expressão poética, como tentam atualmente alguns poétas da nova geração, inclusive o sr. Lêdo Ivo. Se assim fosse eu o aconselharia a desistir dessa intenção que somente teria para a sua poesia funestas consequencias, matando nela justamente aquilo que de mais grandioso e suplime ela possue: a presença absorvente da infancia. A rima e a métrica somente iriam roubar e subtrair de sua poesia, pela dissipação da inspiração e pelo vicio das exterioridades sonoras e inconsequentes, toda a riqueza desse mundo incomparavel de insinuações e mistérios, e que somente o ritmo interior, livre e profundo, nos pode restituir em estado de absoluta graça e pureza.

Mesmo porque tudo indica não ser esta a sua verdadeira expressão formal onde se sentirá sempre «como um improvisado marujo», sem realizar totalmente a definitiva missão lirica de sua poesia. Acontece ainda que esta especie de poesia será sempre uma poesia discursiva, «explicativa», muito mais própria para fazer a delicia dos frequentadores de «interessantes» saraus literários ou «recitais de poesia», do que para provocarem no espirito aquelas reflexões profundas que nos levam á uma intimidade fecunda, descobridora de verdades essenciais. Poesia mais de quem «precisa explicar-se do que de quem necessita encontrar-se», como diz o critico português Manuel Anselmo. E o autor de «O Deserto e os Números» não é dessa raça de poétas que procure o lado mais calmo e menos perigoso das coisas simplesmente pelo mêdo da aventura imprevista da sua personalidade, de assustar as pessoas tranquilas com a sua audaciosa originalida-

de, ou ainda de violar certas leis sintáticas para as quais os gramáticos já acomodaram explicações eruditas. Na verdade estamos diante de um poéta de grandes possibilidades liricas, em quem as expressões não estão obrigadas a qualquer rigidez existencial e as próprias categorias gramaticais se invalidam porque ele as valoriza e supera por uma multiplicidade prodigiosa de planos e de efeitos poéticos. Por isso, ele confessa:

Ah! quantas palavras
nos mares circulam
Não posso prendê-las
ouví-la não posso
E os simbolos fogem
no seu desespêro
diante dos números
que cercam meu corpo.

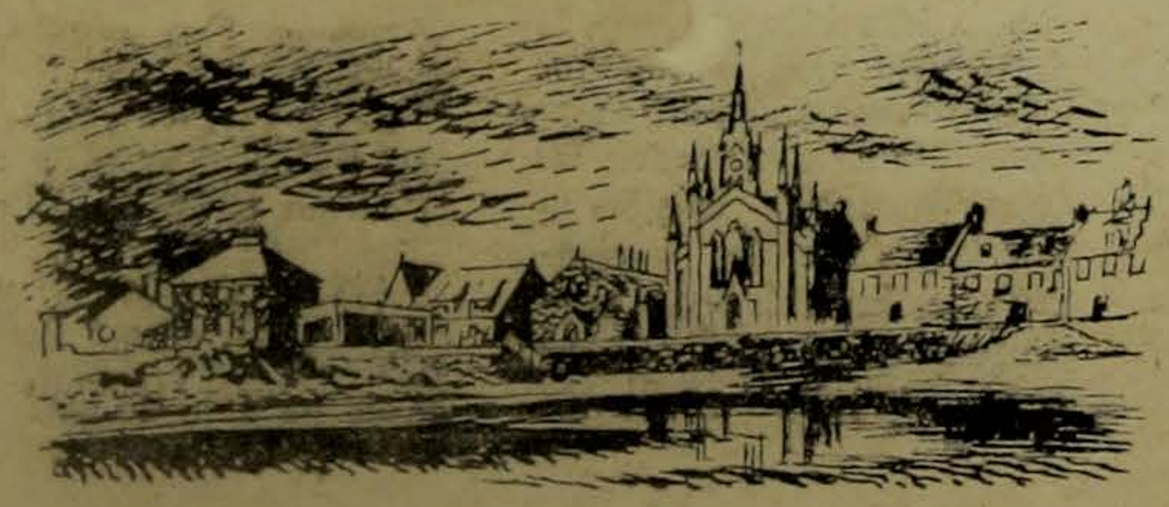
A poesia do sr. Edson Regis atinge, contudo, uma incomparável intensidade lirica quando, já liberto dessas prisões formais, ele se entrega generosamente e sem reservas ao seu poema, preparando então «uma fuga para um novo reino, entre a vida e a morte». Surgem então aí os seus mais belos e definitivos poemas que lhes assegura um lugar de primeira ordem entre os melhores poétas de sua geração. Poemas como «Primeira cena», «Palavras á Antonio» e «Poema», constituem a melhor prova de que este poéta alcançou já uma situação privilegiada nos dominos ignorados da poesia, anunciando paraela uma fase que será, sem dúvida nenhuma, a mais fecunda e promissora. Tenho, um exemplo, especial agrado por essa notável «Composição», um verdadeiro mundo de ritmos e de sons:

Preciso do mar como de um poema
preciso das nuvens como de meu sangue:
mar, poema, sangue e nuvens
e o grito da noite nas folhas do outono

A essencia do poema é um sinal de viagem
pelo teu corpo, pelas cidades, mar ou deserto,
nuvem ou infancia, reino do inesperado
sempre viagem e a translúcida presença da morte

Inutil para o novo poema rolar satisfeito
ante a mesma paisagem mil vezes revelada:
preciso do mar como de um poema
preciso das nuvens como de meu sangue.

Essa numerosidade e fertilidade poéticas quasi constante, dá vontade de citar o livro todo, porque todo ele é assim, (com exceção de dois ou três sonêtos) de uma inegável perfeição verbal e de um sentido muito exato das grandes inquietações da nossa alma e da nossa vida. Ao lado de um Mauro Mota, de um Cláudio Tuiutí Tavares, de um Tomás Seixas, e de um Guerra de Holanda, — para somente citar os principais — está o sr. Edson Regis pela condição imperativa do seu valor e do seu talento, fatalmente obrigado a figurar como êles, entre os maiores nomes da poesia de Pernambuco e do Brasil. Este seu livro de estréia, não somente vem trazer uma contribuição poética essencial para a nova poesia: trouxe-nos tambem a certeza de um autentico poéta, e a garantia definitiva para essa mesma poesia.



POETAS PARAIBANOS

MAURO MOTA

É certo que, em vez de esclarecimentos úteis, somente confusionismo podem trazer aos leitores livros como esse do meu amigo Luiz Pinto, «Caderno de Poétas Paraibanos». E' uma espécie de antologia nos moldes mais ou menos clássicos dos trabalhos dessa espécie: reunião de dados bio-bibliográficos e produções julgadas principais dos autores. Temos ainda a anotar o fato desses dados não aparecerem sêcos, mas recheiados de conceitos, presumivelmente críticos, e o acontecimento de uma introdução, segundo a qual «Augusto dos Anjos foi um dos mais alentados menestreis do Brasil» apesar de «sua suculenta modestia».

Quanto a Carlos Dias Fernandes, torna-se dificil a identificação:

«Mas de quem esse singular homem teria imitado tão vigoroso, masculo e árdego estilo? Versando bem a lingua de Virgilio como versava a de Pascal, teria sido ele um imitador de Baudelaire? Teria emergido do pensamento tragedioso de Dostoiewsky? A sua musa teria alcançado os céus da Eneida? Teria sido Virgilio o seu modelo? Teria sido Camões, Tolstoi? Ninguem o responderá satisfatoriamente. De tudo há na sua obra, no seu romance realista, na criação de centauros do nosso sertanejo, desde a tragédia da «Recordação da Casa dos Mortos» até o perdão social de Tolstoi; desde o ritmo das camoneanas eternas até as satiras de Bocage, de Gregorio de Matos, de Voltaire. Desde o estilo de Shakespeare até as produções filosóficas de Goethe».

Prossegue o sr. Luiz Pinto boiando nessa enchente de nomes proprios até parar no poéta Osorio Paes, afirmando que «versos, modas, violão e mulheres foram o cenário de sua vida atormentada», o que parece uma incoerencia. Bem que todos nós desejariamos esse tormento.

Poderá o sr. Luiz Pinto dizer que não fez um caderno dos, mas de poétas paraibanos. Pior para ele. A simples escolha de doze poétas para o caderno implica um critério de seleção falho pela exclusão de muitos outros, alguns verdadeiramente insabotáveis como Odilon Nestor.

Parece que, sobre o assunto, o certo é o que está realizando Eduardo Martins, no «CORREIO DAS ARTES», de João Pessoa, ao apresentar um panorama exato da poesia paraibana desde as suas origens, colocando todos os autores em ordem cronologica e transcrevendo parte da obra de cada um, ao lado de dados bio-bibliográficos sumários, sem palpites errados e sem chamar ninguem de «aleitado menestrel»

Perfil de Thorton Wilder

Thorton Wilder, grande romancista e dramaturgo norte-americano, cuja obra muitos só conhecem escassamente, atravéz da filmagem de «A Ponte de San Luis Rey», nasceu em Wisconsin, pasou a adolescencia na China, completou sua educação em Yale e Princeton, viajou pela Europa toda e em 1921 retornou aos Estados Unidos. Trouxe então os originais de «The Cabala», novela sobre as altas rodas da capital italiana. Com «A Ponte de San Luis Rey», seu êxito foi enorme. Em 1934, lançava «Heaven's My Destination» (cuja tradução brasileira se encontra nos prelos da Editora Globo, e será em breve publicada com o titulo «O Céu E' Meu Destino»). Em 1937, volta a chamar a atenção do pública com a peça «Our Town» («Nossa Cidade»), que lhe valeu o Premio Pulitzer de Teatro. Em 1943 obteve novo sucesso com a peça «The Skin of Our Teeth». Na sua obra, Wilder combate o conformismo e o convencionalismo fazendo admiraveis pesquizas e aventuras no mundo do espirito humano.

RUY BARBOSA E O BRASIL

JOSÉ JAYME CARNEIRO

NOS torneios da inteligência, ninguém jámais no exterior elevou tão alto o nome do Brasil quanto Ruy Barbosa. Êle era o expoente máximo de nossa cultura, e pessoa alguma em nossa Pátria se lhe avantajou na extensão e profundidade dos conhecimentos.

Poliglota invulgar, foi como um astro de luz a deslumbrar e a procurar resolver os magnos problemas do Direito na Conferência Internacional de Haya. E, apaixonado defensor das boas causas, as pequenas nações tiveram nêle o seu maior amigo, aquêle que lutava e se esforjava ardentemente para a igualdade de tôdas perante o Direito das Gentes.

O Brasil era um país quase desconhecido no estrangeiro. Muitos o julgavam quase que inteiramente constituido por índios e animais selvagens. Mas, quando o intrépido estadista elevou sua voz no concerto internacional, as opiniões começaram a se modificar. Uma admiração se elevou perante aquela mentalidade excepcional. E, de acôrdo com a sediça frase, a Europa se curvou ante o Brasil.

Ruy Barbosa tinha defeitos. Não há negá-los Mas suas brilhantes qualidades eram tantos, que aquêles quase desapareciam por completo.

O seu amor ao Brasil, o seu desejo de vê-lo sobressair de se tornar uma grande nação era imenso, e estava sempre a combater os nossos erros políticos, nossas mazelas sociais, no afã incontido de vêr a valorização crescente da terra e gente brasileiras. Seus escritos estão cheios dessa estima pelo nossa Pátria, porque seus pensamentos estavam constantemente voltados para ela.

Sua luta era incomensurável na defesa dos principios democráticos, de que tanto necessitávamos. E tudo o que se relacionava com o engrandecimento e a vitória da Justiça tinha nêle o seu melhor paladino.

Jamais pactuou com os aproveitadores de nossa politica. Jamais buscou posições com sacrificios de suas convicções, de seu ideal.

E não media consequência nas suas campanhas. Queria acima de tudo estár de acôrdo com a sua consciência, com os interesses da nacionalidade. A calúnia, a inveja desmedida, o despeito, o perseguiam estavam sempre no seu encalço. Não lhe davam trégua. Mas nunca saía derrotado. Sua vitoria moral era insuperável, como a do semeador que lança sementes de esperança, de que se utilizarão as gerações futuras.

Nunca esmoreceu diante os inimigos que se lhe defrontavam. Orador inegualável, com uma verbosidade prodigiosa, uma caudal inesgotável, variável, obdecendo a tôdas as gradações e nuances do pensamento, era qual um Dartagnan do verbo a acometer e a derrotar seus desafetos e detratores.

Muitos outros não feriam a sua coragem, a qual se baseava nas suas convicções, na equidade das causas que abraçava. O "affaire" Dreyfus é uma daquelas em que êle mais se revelou um ardente advogado de uma causa humana, profligando os erros judiciários, as acusações descabidas, a fabilidade dos homens, dos seus conceitos, de suas conclusões e julgamentos.

Assoberbado pelo insano trabalho, as hemicrâneas muitas vêzes o assaltavam, mas não lhe amorteciam o ímpeto agressivo, o ardor combativo, a ambição de estar constatemente na vanguarda dos patrioticos empreendimentos, na luta pelo progresso e pela civilização do povo brasileiro.

Nosso país, possuidor de um grande número de analfabetos, muito lhe deve, pelo que fêz em pról de suas letras e de sua evolução cultural, do seu aperfeiçoamento no campublicano, na adoção da escravatura, na implantação do regime republicano, na abolição de uma Constituição liberal, digna de gente adiantada.

Sua campanha civilista se notabilizava pela elevação dos princípios, pelo temor de vêr a Nação governada mais pelo direito da fôrça do que pela fôrça do Direito.

Durante mais de meio século, conclamou as consciências, combatendo as falhas políticas e sociais, enfrentando homens e doutrinas, visando sempre o melhoramento de uma coletividade tão eivada de imperfeições.

Estadista dos melhores que temos tido, sempre militou na política com os mais elevados pontos de vista, derrotando e esbagalhando com o bisturí de sua palavra, aquêles que se venalisavam, que prostituiam o caráter, na ânsia de proveitos inconfessáveis.

Escritor primoroso, foi presidente da Academia Paraibana de Letras e um de seus fundadores. E, como filologo, conhecedor profundo do vernáculo, deixou traços inapagáveis de sua vasta erudição nêsse ramo do saber, por ocasião da elaboração do nosso Código Civil.

Sua bagagem literaria, versando inúmeros assuntos, se compõe de mais de trezentos volumes, nos quais se encontram a seriedade e a profundidade dos grandes espíritos, voltados para um ideal.

Nos tempos atuais, é incomesurável a falta que nos faz aquela mentalidade de escol, tão apta a derramar luz sôbre os problemas, não só do Brasil, mas também da própria Humanidade

Ruy Barbosa pereceu. Mas os seus ensinamentos continuam de pé. Seus exemplos de fé e confiança no futuro do Brasil inspiram as gerações e não morrerão jamais enquanto existir a comunidade brasileira, com seus princípios de Justiça, de Liberdade, de amor ao Trabalho e de admiração pelas grandes causas Humanas.

* * *

LITERATURA E SOCIEDADE

Edwin Muir, um dos mais festejados críticos da Inglaterra contemporanea, autor de estudos valiosos sobre a literatura inglesa, acaba de publicar, depois de vinte anos, o seu segundo livro de ensaios: «Essays On Literature An Society», editado pela Hogarth Press. Nesse volume temos espledidas páginas sobre Robert Henryson, Chapman, Shakespeare, Sterne, Burns Scott, Browning, Hardy, Holderlin e Kafka. Como se vê, trata-se de uma obra de fôlego e de significação na crítica inglesa, e que vem colocar Edwin Muir em um dos primeiros lugares em sua pátria, pois além de seu poder de análise e de interpretação, é um escritor de excepcionais qualidades na arte de escrever.

O PRESENTE DE BODAS

Conto de NEWTON FREITAS

OS que estavem reunidos áquela hora no Clube, entreolharam-se quando Roberto, falando sózinho, chegou a exclamar em voz alta:

— Estou perdido! Irremediavelmente pesdido!

Aproximou-se então Dr. Raul e delicado e compreensivo como sempre procurou com os olhos a aprovação dos amigos e agarrou Roberto pelas costas, á maneira de um abraço. Em realidade parecia querer evitar com aquele gesto que o rapaz continuasse seu monólogo. Era como se lhe colocasse uma camisa de fôrça imaginária...

Pouco e pouco, como saindo de si mesmo, e como se sómente esperasse que alguem se dispuzesse a ouví-lo, Roberto exclamou:

— Tudo porque acordo tarde! Nada pior do que êsse hábito pernicioso!...

Sem dar tempo a que Dr. Raul se sentasse e sem esperar que a roda de amigos se fizesse mais intima, continuou, como se aquela confissão fosse ao mesmo tempo uma exigência e um pedido de socorro:

—Como você sabe, sou um homem boêmio, mas com gostos semelhantes aos demais. Apenas, tenho horror ao sol. Isto de ver o sol por entre as cortinas da minha janela me adoece, me enerva. Durma cedo ou durma tarde, levanto-me habitualmente, depois das duas da tarde. E foi assim que, há precisamente duas semanas atraz, despertei com os malditos jornais envenenadores da vida humana e um café pacífico, ás 3 e meia da tarde.

Osamigos entreolharam-se; parecia tão normal e tão lógico aquele principio de confidência! Aonde iria parar? Êle continuou:

— Perguntei, discretamente, à criada se fazia calor ,se chovia e se já haviam trazido uns livros do encadernador... Resolvidos estes enígmas metereológicos e domésticos, comecei a leitura. As mesmas invasões, as mesmas lutas de árabes e judeus, a mesma ocupação da Alemanha e o Gal. De Gaulle ainda não havia tomado o Govêrno... Na órdem interna, um discurso a mais não podia pertubar a pacífica disposição que tinha de passar bem o dia. Dois dedos de editorial e eisme nas teatrais e cinematográficas ,porém, ao virar a folha 7, dou de repente com umas letras familiares: R. O. B .. Estanco de pressa: lá estava meu nome nas *sociais!* Deslumbrado com a surpresa, leio, entre sobressaltos, a notícia do casamento de meu amigo Fábio naquela manhã e naquela noite. Meu nome era, como bem o sabia, o do padrinho... Padrinho, Deus meu! E da cerimonia religiosa, e ser realizada naquela mesma noite, na Igreja de Santa Anal De sobressalto em sobressalto, acabei por me certificar que estavamos num sábado que eram quase 4 horas da tarde e que se casava um amigo velho que me havia convidado para ser seu padrinho. Que fazer? Já então á disposição idílica daquele dia temperado, sucedera uma grande angústia: que podia lhe dar àquela hora, com o comércio fechado e que não me indispuzesse completamente com êle e com sua familia?

A esta altura de meus raciocínios, estava já completamente levantado e dando órdens ao criado para escovar e passar a ferro meu traje de gala; enquanto isto ia passando, em memória, todos os objetivos possiveis e passiveis de ser presenteados. Livros antigos, cousas de valor sem uso e cousas de certo valor em uso... A casa me parecia de repente estar vazia, sem nada que merecesse o nome de um "presente de bodas". Desesperado, depois de passar horas percorrendo as salas, olhando os quadros que eram bonitos, mas dos quais não me desejava separar (todos vocês sabem como gosto dos meus quadros), dou, de repente, da cara com uma linda produção ganha, há anos, em París, da "Irmã Blumer", de Manet, que está no Museu do Louvre, com sua boca encarnada como duas cerejas maduras, seu vestido rosa e aqueles olhos dramáticos de ângulo diminuto bordeados de sobranoelhas ásperas, despenteadas quase... Era uma reprodução feita a capricho por uma companheira de velhos tempos que manejava as tintas com graça e que me presenteara, sabendo o interesse que sempre tivera nas mulheres temperamentais e belas do sensualismo Manet. Vacilei, confesso, mas a premura do tempo e principalmente a luxuosa moldura, entre ouro e prata, com rebordos azul e turqueza que a mesma amiga me havia marcado o quadro, decidiu-me por completo; era um presente digno de meu carissimo Fábio. Apenas, um detalhe detinha-me, ainda: saber se alguma vez êle havia visto o quadro em minha casa. Pensei e recapitulei o tempo, as datas, somando e subtraíndo os meus amores com a dama-pintora, o tempo em que o quadro permanecera em nosso apartamento, a época de seu traslado, de nossos desgostos e concluí que Fábio jamais o vira. Era, pois, o presente perfeito.

Com cuidado comecei a limpá-lo, tirando com pachorra qualquer mancha que pudesse haver ficado em sua resplandescente moldura e, dando adeus à boca de cereja e às minhas lembranças com a dama-pintora ,comecei a em-

O ROUXINOL

HERNANI DE LENCASTRE

AO POETA ALGARVIO ISIDORO PIRES

SEMPRE QUE O SOL, DO ALTO DO CURUL,
ÉBRIO DA PRÓPRIA LUZ, RESPLANDECIA,
BRANDINDO AUREOS PUNHAIS EM FUNDO AZUL,
O PEQUENO CANTOR ESTREMECIA...

NELE ADORAVA UM DEUS... DEUS QUE AO PAÚL
TRANSFORMA NUM JARDIM... QUE TUDO CRIA...
AQUECE A BRANDA VIRAÇÃO DO SUL...
DA' OS FRUTOS... A VIDA E.. FAZ O DIA...

E ASSIM.. BEBEU-LHE A LUZ... BEBEU... BEBEU...
E QUANDO O DEUS PARTIU... E ANOITECEU...
SENTIU-O LA' DENTRO EM SI... A ALUMIAR!

BATEU SUAS ASITAS... GORGEOU...
E. DESDE ENTÃO, SEU CANTO SE TORNOU
NUM... RAIO DE SOL EM NOITES DE LUAR!

TAVIRA (Portugal) 1949

padotário. Antes, escrevi um lacônico e alegre cartão ao noivo, dispondo-me, já consolado da perda, para a cerimônia da noiva...

Houve uma longa e expectante pausa. Roberto limpou, com o lenço, o suor que lhe corria pela cara, e, enquanto os amigos faziam mais estreito o círculo em sua volta recomeçou a narrativa, debaixo do mais escrupuloso silêncio:

— Agora, meus amigos, vem a parte dramática da questão... Cheguei, com alguma antecipação, à casa do noivo. Êle estava rodeado de parentes e amigos mais íntimos, mas senti que em minha volta se fazia um irreprochável silêncio, quando abracei o meu afilhado. Êste estreitou-me, quase comovido, e pronunciou, embargado, um "muito obrigado, muito obrigado..." que eu atribuí mais à minha presença do que ao presente. Os últimos detalhes da "toilette" e a roda amável dos que o acompanhavam naquele transe, impediram-me de prestar maior atenção à comovida atitude de meu amigo. Lembro-me, porém, de que, quando saíamos, escutei um dos seus tios mais velhos que dizia:

—"E' consolador vê-los juntos nesta hora...

E' o amigo de sempre... não há dúvida..."

Também, ouví de um desconhecido que dizia ao mesmo tio velho:

"Como sempre será Roberto o herói da noite... e desta vez com justificado motivo".

A vaidade me impediu de discernir, naquele comentário, mas ao que um elogio à minha casaca à irreprochavel gardênia que havia conseguido no florista... Depois, recapitulei tudo isto, como verão.

Terminada a cerimônia, durante a qual senti que pesava sôbre a minha pessoa o olhar de toda a parentela, prometendo mesmo um completo ofuscamento da noiva se eu não tivesse de me encolher, modestamente, atraz de um rico candelabro de prata, fui, com os demais, à recepção na casa dos noivos... Aí começou meu fantástico delírio.

Cruzei as salas entre oh! e ah! de admirarão e comecei, insensivelmente, a supôr que sòmente minha casaca e minha rutilante gardênia não fosse suficiente para paralizar tantas atenções. No fundo, porém, eu estava comovido e decidido a gozar de mais um triunfo mundano; porque não? Dirigi-me ao salãozinho do fundo, procurando olhos amigos e deparei-me com a mãe de Fábio, com aquele seu enorme colar de pérolas, das grandes ocasiões. Não me deixou falar. Foi, diretamente, a mim, dizendo:

"Nunca dei nenhum crédito às intrigas que faziam os invejosos... Sob a que você estava arruinado, mas que era o mesmo homem de sempre, liberal e capaz de verdadeiros gestos pelos amigos. Parabens!

Quiz responder, mas algo muito sutil despertou dentro de mim que me levou a pensar em minha "Irmã Blumer"... Agradeci, num gesto galante e saí em busca da mesa dos presentes. Ao fundo da sala, como era hábito, estava a mesa fatídica em cima os mesmos objetos de sempre: baldes para gelo, relogios de cabeceira (4), toalhas para chá (cheguei a contar 16) cristais, cerâmicos, quadros de metal e de prata para retratos, coleirinhas ás duzias, porcelanas em pequena escala, algumas joias de família, muitas caixas com objetos misteriosos para minha observação mas que despertavam o curioso comentário de algumas damas e etc.. Eu olhava e olhava sem descobrir minha Irmã Blumer", quando o Padre Norberto amigo tradicional da familia, com uma taça de champagne na mão e a cara vermelha de alegria, bateu-me, paternalmente, nas costa, dizendo:

Não a procure que não está aqui. Vá mais adiante, na outra sala pequena, aonde estão os eleitos... E' bem merecida seleção no seu caso, porque cousas assim não se expõem muitas vezes aos olhares cubiçosos... apesar de estar a casa bem guardada de ladrões..."

Já então se apoderara de mim uma espécie de pânico porque pressentia que o mal entendido tomara proporções de uma verdadeira "gaffe" social difícil de ser esclarecida. Tropeçando entre os convidados, abri, discretamente, a porta da maldita salinha. Senti nuvem turbar-me a vista diante do que vi: numa mesa pequena, alguns estojos com joias caras e diminutas. Da parede haviam sido retirados todos os quadros, retratos de família e, bem ao centro da parede, no meio de espetacular silêncio, minha "Irmã Blumeh" resplandecia entre oh! de admiração. Um silêncio quase religioso reinava. Todos falavam em voz baixa e à minha entrada nem um murmúrio se ouviu mais. Apenas, um senhor de cabelos brancos, colocando a mão de entendido num dos lados do quadro, deixou escapar um suspiro, para aqueles olhos rebeldes, cobertos de ásperas sobrancelhas. Recuei; mas, ao deixar-me, pràticamente, cair numa das poltronas, senti sobre o ombro, uma mão protetora e decisiva, ao mesmo tempo que uma voz como que vinda de outra bôca, me dizia:

"Vigiando-o, hein? E' natural... Natural...

Todos o entendemos..."

O primeiro ímpeto que tive depois daquele meu assombro,, foi de começar a rir, rir, desesperadamente, de incultura e snobismo que via exibir-se com tanta ostentação à minha volta. Porém, a seriedade do ambiente e a amizade de meu afilhado, a surda confiança que êle depositara no meu presente, impediram-me siquer de sorrir. Estava atordoado. Tinha que respirar, ganhar a rua. Sozinho, acalmei-me um pouco e cheguei a supor que seria fácil, nos dias seguintes, esclarecer a confusão, ou quem sabe? roubar o quadro para que a "gaffe" não fosse descoberto. Todas as duas hipóteses me pareceram, depois, absurdas. O ridículo a que eu expunha Fábio seus familares e amigos, confessando o erro cometido, era dos tais que colocaria em situação muito duvidosa a nossa amizade. Teria que ferir a cousa mais delicada num homem — seu amor próprio. E amor próprio de conhecedor de arte!... Roubar, ou mandar roubar o quadro, seria viavel se a polícia não intervisse, imediatamente, para salvar uma obra de arte tão valiosa podendo provar em menos de uma hora que se tratava, simplesmente, de uma reprodução bem feita, mas que era menos custosa do que sua própria moldura... Desesperado, vaguei grande parte daquela noite memoravel, mergulhando meu desgosto em grandes copos de "Wis-Key" que ingeria, maquinalmente, à saída daquele maldito quarto, onde vi minúsculos e encolhidos os tradicionais retratos de família e os quadros, pacatamente, acumulados em anos de vida prazenteira.

Muito arde do dia seguinte, tentei uma conversa com meu amigo; soube, pelos criado, que embarcara em lua de mel. Respirei aliviado porque, em realidade, não sabia o que poder

ria dizer-lhe, como não o sei até esta hora. E sabem quantos dias dura esta situação? 14 dias... 14 dias e 14 noites! Sonho com Manet, falo sozinho pelas ruas, discorrendo comigo mesmo, que saída posso dar a tão ridículo e caphichoso engano... Emagreci, estou destruído moralmente, porque tenho por mais que simpatia.

Tenho-lhe amizade... Que fazer?

A roda em volta de Roberto diluiu-se, silenciosamente; cada um despediu-se naquela noite, disposto a pensar numa solução para o caso, antes da volta do casal, antes de que eles, com sua garrida ignorância, iniciassem sua vida social, exibindo, numa cândida alegria, seu autêntico Manet.

Nove dias após esta reunião, Roberto abriu, novamente, o jornal, numa opaca manhã chuvosa e, na página dos anuncios, leu, não antes de pensar na injustiça de seu destino, o seguinte:

"VENDE-SE UMA REPRODUÇÃO DE MANET, EM CÔRES, EM PERFEITO ESTADO. TELEFONAR A 7.9990, PELA TARDE."

E êle amargando a decepção do amigo e já aceitando como perdida aquela amizade, deu órdem ao criado de comprar o quadro. O bom homem comunicou-se com o telefone 7.9990 indicado e, em poucos minutos, teve Roberto de voltar à sua casa, sem a moldura, por 10 pesos, a sua "Irmã Blumer". Quando a viu, sorrindo consolado, porque era dos tais que amava, verdadeiramente, aquela "Irmã" com bôca de cereja madura e pestanas arrepiadas...

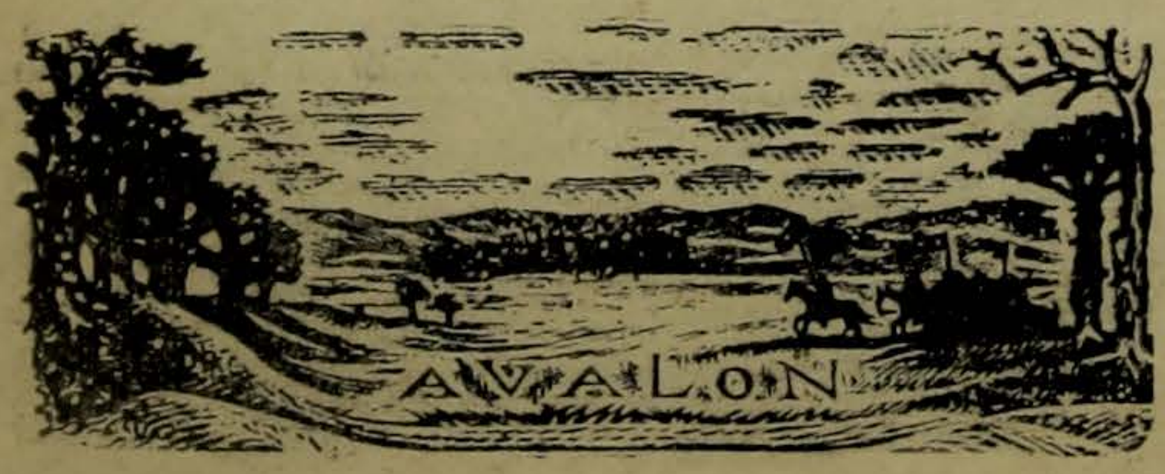
VICTOR HUGO NA ESPANHA

AZORIN

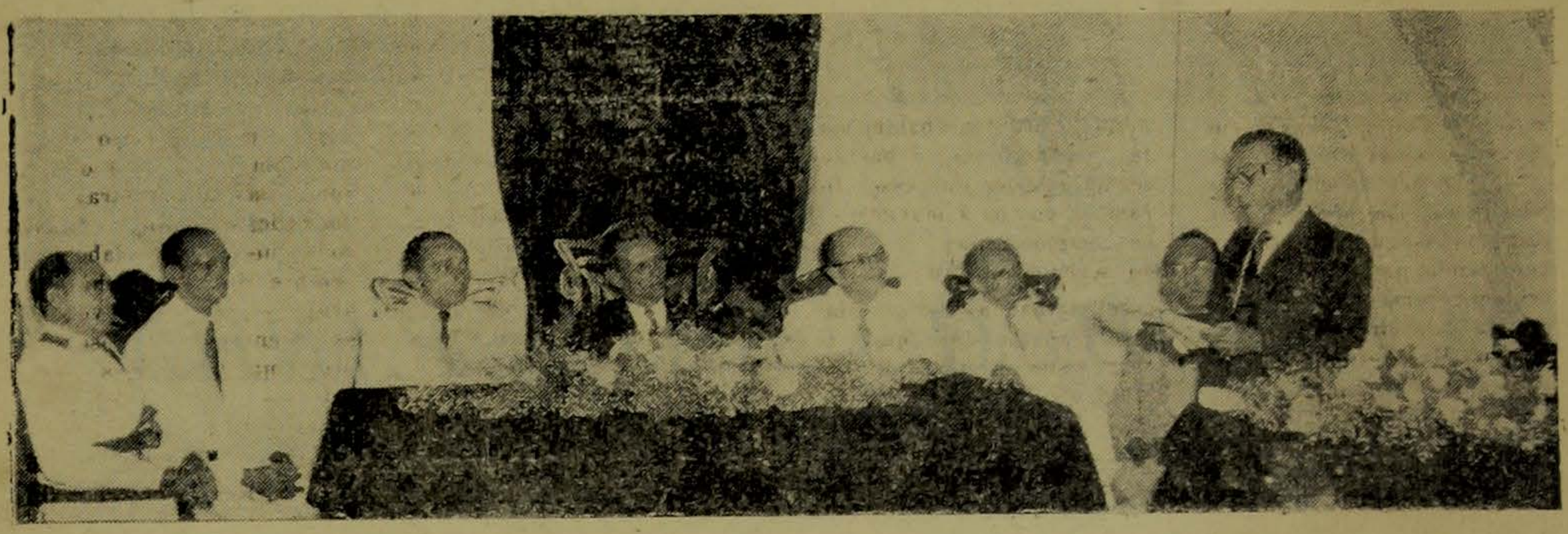
VICTOR Hugo, quando criança viveu dez ou doze anos na Espanha. Na primavera de 1814 está ainda em Paris com sua mãe e seus dois irmãos, Abel e Eugenio ;seu pai, o general Hugo, está na Espanha. A familia empreende pois a marcha para lá. Conforme relata o livro "Victor Hugo", contado por uma testemunha de sua vida", as estampas da viagem são — absurdamente — estas: Irun, Tolosa, Pancorbe, Torrequemada, Salinas, Mendragón, Burges, Segovia, Madrid. O que ha de estranho na narrativa da viagem nos antecipa o que haverá de estranho na Espanha de Hugo; estamos pois prevenidos.

Aos nove anos, com sua inteligencia, viveu numa Espanha de guerra: super-excitada, febril, ardorosa. E essas sensações violentas devem ter penetrado mais profundamente a sua sensibilidade do que outras mais tranquilas. Não se tema de que durante sua vida, Victor Hugo esqueça o que viveu na Espanha. Tem sido objeto de discussão se ele sabia ou não o castelhano; em "Os amores de um poéta" (Paris, 1919), livro em que se utilizam curiosos documentos inéditos, Louis Barthou copía uma nota intima de Victor Hugo escrita em castelhano: seis ou oito linhas de um castelhano incorréto; porém, afinal de contas, castelhano. Não necessitava tambem o poeta de ler para entender a Espanha; a poésia é mais do que a propria realidade. Em 1882, vivendo ainda Victor Hugo, um amigo seu, Julio Clarstie, reúne algumas confidencias do poeta. "Leio muito pouco — confessa Victor Hugo — e assim mesmo livros que ninguem lê, páginas soltas". De Flaubert, a quem admira, não leu nada; de George Sand, apenas leu um livro.

Victor Hugo possue a sensualidade do vocábulo; e quem possue tal sensualidade tem tambem, implicitamente, o sentido da retórica. O gozo do vocábulo conduz á magnificencia das vozes. Victor Hugo passou dezenove anos, — todos os do segundo imperio — no desterro, diante do mar. Esse espetáculo terá fortificado no poeta o gosto pelo grandioso. O excessivo é romântico: o moderado é classico. Victor Hugo é excessivo; a feição pela qual vê a Espanha é portanto excessiva, excessiva em grandiosidade. De duas maneiras se se apresenta a nós, em Victor Hugo, a singularidade de Espanha: no material e no moral. Durante a viagem, a familia do poeta se demora alguns dias em Segóvia; Victor Hugo poude contemplar o aqueduto. Em duas diferentes poesías de Hugo o aqueduto consta de tres fileiras de arcos: se algum segoviano houvesse assegurado a Hugo que as fileiras eram duas, Hugo o teria olhado com desdém: o poeta creava com seu furor poético, uma ultra realidade mais valiosa sem dúvida, de que a autentica realidade. Num dos poemas de "As Orientais", ele nos conta que Penafiel é um bonito povoado da Andaluzia; versos adiante afirma: "Alice, a perola da Andaluzia, era de Penafiel". Não conheço outra Penafiel que não seja a da provincia de Valladolid. Victor Hugo quiz situar um de seus dramas "Ruy Blas", na segunda metade do reinado de Carlos II; esse rei teve duas mulheres: a primeira toda doçura e suavidade; a segunda de genio áspero e violento. Esta Rainha não convinha a Hugo; trocou os traços de uma pelos da outra, como o demonstrou Morel Fatio. Deparamos, pois, por obra do poeta, com uma inversão do tempo e dos personagens. Tambem aqui a poesia — quando é a de um genio — torna-se mais verdadeira do que a propria verdade. Quanto ao moral, a sublimação da Espanha, corre em Victor Hugo paralelamente á sublimação de Stendhal; mas se Stendhal vê na "energía" o traço caracteristico da Espanha, Hugo o vê no "amor" e na "honra". Juana la Granadina pode ser, em Hugo, o símbolo do amor; o final de "Hernani, ou a honra castelhana" simbolisa a honra; honra de tal maneira excessiva, grandiosa, sublime, que chega ás raias da puerilidade.



Ruy Barbosa e a luta Contra a Violencia



Acontecimento dos mais expressivos das comemorações do 1.º Centenario do Nascimento de Ruy Barbosa, na Paraíba foi a conferencia pronunciada no dia 15 de novembro, na Academia Paraibana de Letras, pelo escritor e jornalista Silvino Lopes, sob o titulo "Ruy Barbosa e a luta contra a violencia".

O convite ao ilustre escritor, feito pelo academico Oscar de Castro, presidente da A. P. L., despertara a mais intensa expectativa e o mais franco entusiasmo nos meios culturais locais, cuja afluencia ao auditorio daquela associação foi realmente notavel, reafirmando o conceito, a simpatia e o apreço que tributamos a Silvino Lopes, como uma das mais legitimas expressões da intelectualidade no Norte do país.

Na sua conferencia, Silvino Lopes focalisou um dos aspectos mais relevantes da obra de Ruy Barbosa, sendo alvo de intensos aplausos.

Entre as pessoas que compunham a mêsa da Academia Paraibana de Letras que foi presidida pelo escritor Oscar de Castro, contavam-se o dr. Ivaldo Falcone de Melo, secretario da Educação; o major Camara Moreira, representando o Governador do Estado; e os academicos João Lelis, Higino Brito, Osias Gomes e Demerito da Silva.

Saudou o conferencista o academico Osias Gomes.

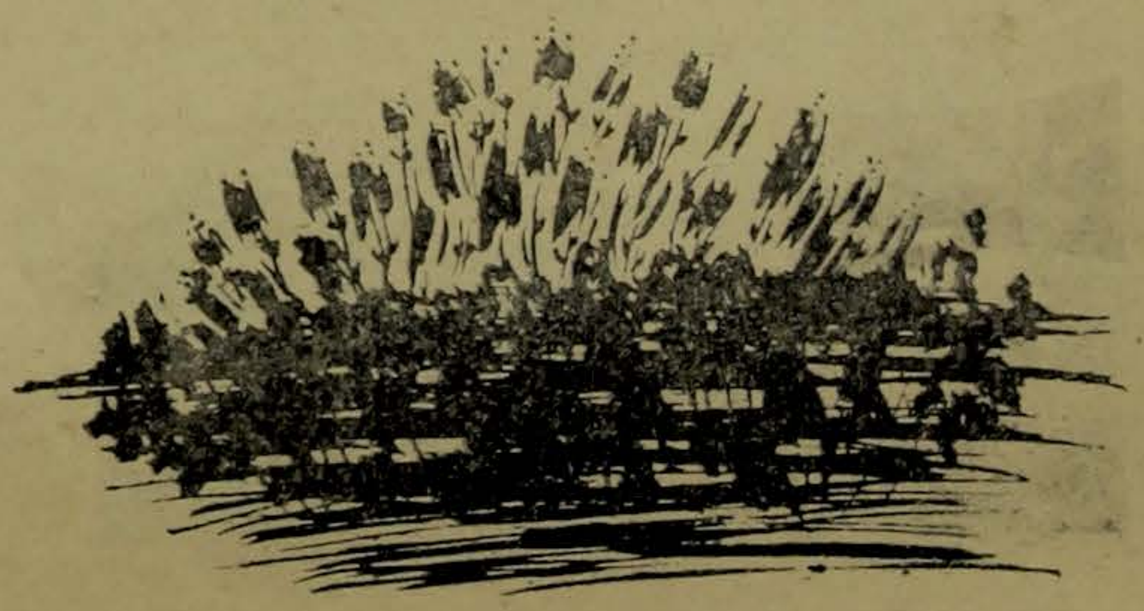
RITMOS HUMANOS

EDMAR MORÉL

A HISTORIA de Angélica Coelho é muito simples. Nasceu no Ceará e não escreveu um romance sobre a sêca. Nunca falou nos cabelos negros de Iracema, nem faz parte das chamadas rodinhas literarias da terra. "RITMOS HUMANOS" é o seu primeiro trabalho entregue ao publico, muito embora esteja dormindo em seu baú "ANGUSTIA REPETIDAS", que a autora condenou.

Com o decorrer do tempo, com a chegada da televisão e da bomba atômica, "ANGUSTIA REPETIDAS" representa, apenas, os sintomas precoces da menina que com 11 anos de idade fez uma composição de 20 paginas sobre uma moeda de vintem...

No nordeste ninguem póde viver sem um baú. É repositario de confidencias, de trastes velhos e de cousas bocs. No caso de Angélica Coelho, entretanto, ele só tem servido para guardar originais de livros velhos como "RENATA", "ABNEGAÇÃO", "DECADENCIA DE UMA GERAÇÃO", "BUSCA NOTURNA". Chega! Aconselhe que não chega. No celebro desta cearense expressivamente silenciosa e observadora, o que contraria os principios de sua gente, geralmente, viva e irriquieta,



já está delineado "FAVORITA DOS DEUSES".

Esta apresentação não poderia ser feita por um repórter. Angélica Coelho, como poetisa, deveria ser trazida pela mão de Gilka Machado. Como romancista, por Raquel de Queiroz. No meu caso, porém, só posso dizer:

— Respeitável público! O espetáculo vai começar. Pongetti oferece um aperitivo saboroso para os que apreciam um bom menu... "RITMOS HUMANOS", é livro de uma estreante, porém num estilo diferente dos chamados modernistas, longe, muito longe, tambem da literatura cegua com laranja dos acacianos que intoxicaram a geração nova com o "parque me ufano".

É romance vivo e real.

A Revista "CULTURA"

DJALMA VIANA

A verdade é que, apesar de tudo, as revistas de cultura — e não me refiro ás revistas unicamente literárias — sempre apareecm como um sinal excelente de que o vértice funciona. Em São Paulo, em plena estacada, prossegue «Colégio» que, sendo paulista em sua origem, é em verdade uma revista que circula no país inteiro. Mas, se o caso de «Colégio» decorre do esfôrço de um grupo que faz das tripas o coração, já não se pode dizer o mesmo de «Cultura», agora em seu segundo número capaz de bater-se em duelo com as melhores publicações estrangeiras. A revista «Cultura», como ninguem ignora, e talvez mais que a educação de adultos, é a grande realidade publica que, empreendida por José Simeão Leal, afirma definitivamente a gestão do ministro Clemente Mariani no Ministério da Educação.

Não sou um homme dado aos gabos, isso é público e notório. Meu fraco, e os meninos sabem, é descer a pua com gosto e, quando possivel puxar as orelhas da canalha. Confesso mesmo que, quando me sinto forçado a cantar as qualidades de um objeto como «Cultura», a própria expressão se esfacafede e as idéias se embaralham como as máximas de sr. Pontes de Miranda. Mas, como uma alma justa é uma alma justa — e tal é a minha alma, — indigno seria de mim mesmo evitasse fazer, a proposito de «Cultura», um elogio de cara. Todavia, antes que qualquer sujeito vá à faixa do transito gritar que estou ficando gagá — como fez o sr. Oswald de Andrade quando me desmanchei em mel com os rapazes da nova geração, — quero prevenir que a minha honestidade é a mesma quer quando exalto ou agrido. De resto, não fosse o fato do demonio da revista se impor realmente como uma coisa extraordinária em nossas pastagens, meteria a viola no saco e fecharia o bico. Como disse porém, alma justa é alma justa. E justa é a minha alma.

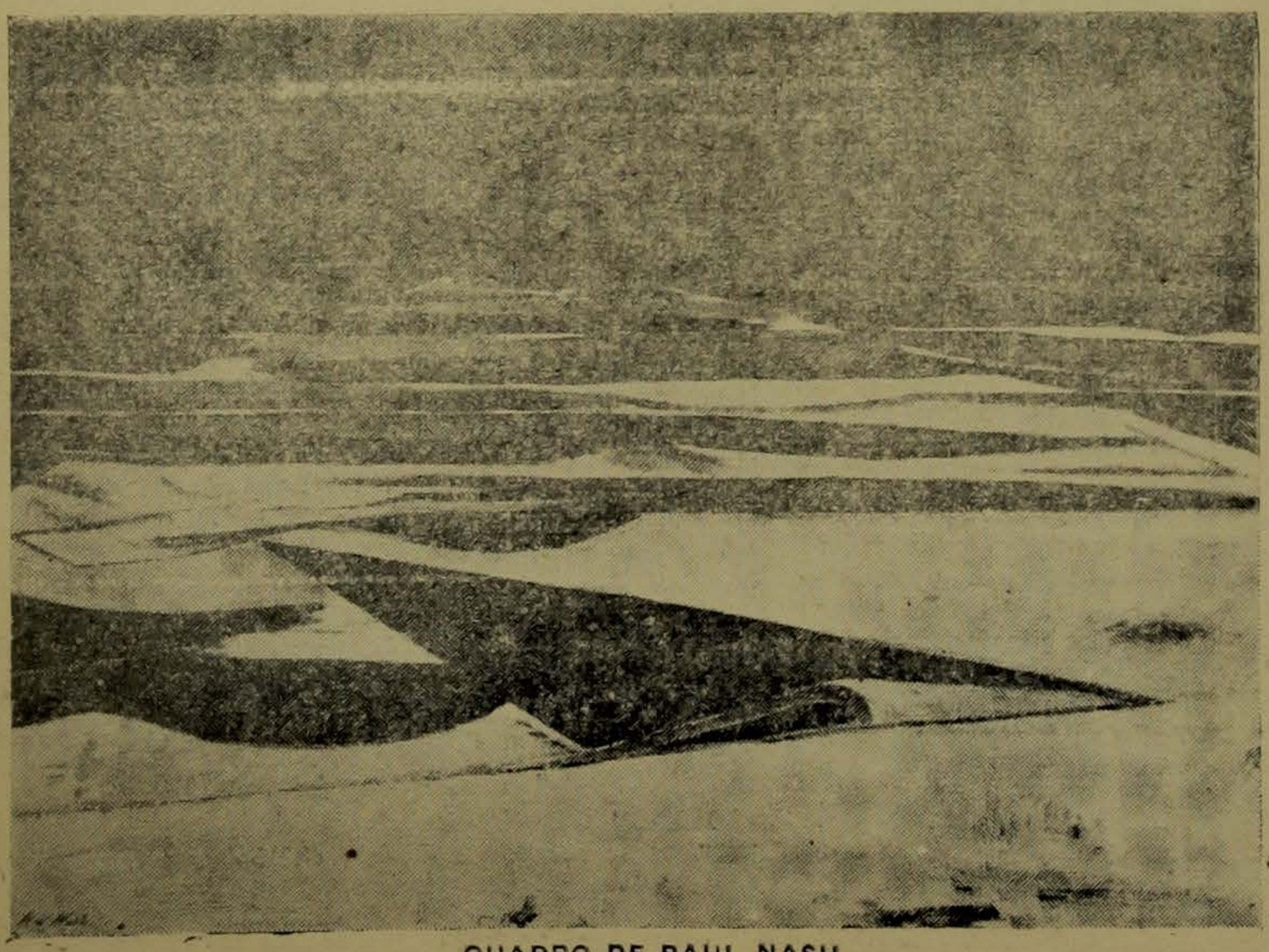
Naturalmente, e isso faz parte da engrenagem humana, não faltarão os que, cheios de dedos, falarão em defeitos e outras bambochatas. Conheço-os, e bastante, para saber que esses foram os postos á margem — os cretinos que, dispondo do sereno, sempre tentam esculhambar a festa. Mas esse trabalho duro que já despe das últimos fios de cabelos o liso crânio de Simeão Leal, essa realizacão admirável que demonstra até que ponto o Estado pode servir desinteressadamente à inteligncia de um povo, essa publicação que pede couro do Vallelle para a estante, exige de nós todos, escritores e leitores, que façamos o elogio de cara. Afinal de contas, custe o que custar uma ou outra colaboração desenxabida, a revista «Cultura» é um patrimonio que precisa ser mantido assim como se manteve o estilo capanêmico no próprio edificio do Ministério da Educação. Embora á sombra de um orgão do Estado, é preciso que a revista «Cultura» se transforme numa espécie de instituição. E tudo isso porque, meninos, neste país uma revista de cultura é coisa tão rara quanto um poema épico.

Sem considerar a industria, que é o papel e é a tinta, temos que convir primeiramente na seleção que, em matéria de qualquer revista, é o busílis. Neste particular, fortes são as lentes dos óculos de Simeão Leal. Um só rato, ao que observo, não passou neste segundo número. Mas, como em face de «Cultura» me sinto como diante de um suplemento — os meus velhos e obstinados suplementos!, — e como não posso evitar que o hábito se traduza ainda uma vez como segunda natureza, arrastado sou ao antigo método de rasgar a barriga do peixe para ver se branca é realmente a sua carne. Aliás, do ponto de vista dos leitores, que são os meninos, é bem melhor que a revista por si mesma se exiba e danse sôbre o palco em absoluto nú artistico. Nada de conversa fiada. Tão somente o espetáculo:

— E espetáculo sem locutor!

A não ser a ausencia de um capítulo destinado á filosofia, capítulo tambem ausente no número 1, e que espero não falte no próximo número 3, tudo o mais corre ás mil maravilhas. Inexplicavelmente, talvez consequencia da colaboração sempre dificil em chão tão árido — raros em verdade os autenticos estudiosos dos problemas filosóficos neste país, — o vazio filosófico torna incompleto o sumário que, fora isso, é de primeira ordem. Arte, ciência, história e literatura formam por assim dizer, no corpo da revista, cadernos especializados. A resenha e a bibliografia completam a função. E não falta sequer a vária, não a reacionarissima e chata que nos habituamos a ver na imprensa clássica. Mas uma vária tão atualizada quanto os próprios registros dos suplementos literários.

Mas quem abre o capítulo inicial é mesmo o escritor Herman Lima que, tomando a caricatura por assunto, realiza um estudo magnifico quando define a tal como a «arma secreta da liberddae». A seguir, em



QUADRO DE PAUL NASH

estudo de pesquisa, o padre Serafim Leite põe mais uma pedra nesta complicadissima história que é a his tória da música no Brasil. Mário Pedrosa, desta vez em sua seára, examina esse fenomeno que é Calder, o homem dos arames. E vem então o jovem filólogo brasileiro Serafim Silva Néto, que nada fica a dever a Aurélio Buarque de Holanda, e vem então o filólogo e cogita de uma coisa efetivamente surpreendente:

— O dialeto crioulo de Surinam.

Não sei que diabo seja Surinam mas, com a graça de Deus, fiquei conhecendo Oracy Nogueira — e fiquei sabendo que Oracy Nogueira é alguem que se dedica á sociologia. Afinal, com um estilo rápido de caça ianque o irrequiéto Jayme Adour da Camara que estabelece, em crônica rigida a crônica da pimenta. E o a crôniac da pimenta. E o sr. Gil de Methódio Maranhão, que em absoluto não pensa na ficção de José Lins do Rêgo, examina alguns aspectos do ciclo da cana do açucar. Edgard Cerqueira Falcão, por sua vez, trata um tema que é o seu tema de todos os dias:

— A velha cidade do Salvador!

Pisamos, nêste instante, a seára rigorosamente literária e quem vem, com a velha segurança, é o sr. Carlos Dante Morais. O crítico se detem em algumas reflexões sobre Rimbaud, coisa bem escrita e bem feita. Por sua vez, o sr. Antonio de Pádua, homem de sete paciências, investiga os neologismos poéticos. Isso, porém, não é nada. E não é nada porque, enquanto o sr. Paulo Ránai divulga um romancista húngaro, o sr. Eugênio Gomes — sempre um ensaista de bom pulso — volta ao assunto irremovível da literatura nacional:

— Machado de Assis.

Finalmente, á vontade nas léguas do seu feudo, o pacifico sr. Arthur Ramos revela alguns detalhes da arte negra no Brasil. Depois da arte negra a escultura de Bruno Giorgi. E o sr. Luis Cosme, com os ouvidos abertos, na escuta musical. Manuel Bandeira, o infatigável Bandeira, traduz Le Corbusier. O crítico Tristão de Ataide, ainda um amigo fiel aos grandes mortos, não se esquece de homenagear os homens dos centenários: Goethe, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco. Mas, totalitário a seu modo, José Simeão Leal não quis permitir que «Cultura» poupasse o menor registro

— e o ano cinematográfico ressurge no comentário de Otávio de Faria. Luiza Barrêto Leite, por outro lado, evoca «Os Comediantes». Enquanto isso, Eurico Nogueira França levanta o panorama musical do ano e o Chico Barbosa nos fala do pai do romancista Lima Barreto. Mas, página da própria responsabilidade da revista, uma coisa assim como um manifesto em defesa das artes e tradições populares da Bahia.

A bibliografia, então. Uma série de comentários, alguns verdadeiros ensaios críticos, sobre os melhores livros nacionais e estrangeiros. Assinam esses comentários nada mais e nada menos que dezessete escritores, velhos e novos, novissimos e pagãos. Vale ressaltar porém o pequeno mas admirável estudo de Manuel Diéques Júnior sôbre a influência dos canaviais e engenhos na vida politica brasileira.

Esta, a revista «Cultura». A sua matéria, meninos, comos se vê, justifica o titulo e demonstra sobretudo como andou certo o ministro Clemente Mariani no momento em que levou para o nono andar do seu Ministério esse incansável trabalhador intelectual que é José Simeão Leal. Podia, como outrora nos bons tempos das ditaduras, imprimir discursos politicos. Podia ainda, se desejasse, queimar os charutos em torno de uma rotina que seria normal em um serviço burocrático. Mas, já que se viu com a mão na máquina, preferiu fazer o que raramente por aqui se faz:

— Um esforço indiscutivel em favor da cultura.

E a revista que aí está nos dando, essa revista tão criteriosamente feita e já agora perfeitamente indispensável, basta para que eliminemos o velho ceticismo. Médico, José Simeão Leal usou a agulha com presteza, no momento exato:

— E a injeção já reanima os doentes!

revista do Circulo de Arte Moderna. Selecionada matéria e bôa apresentação gráfica.

* * *

Noticias

CORNÉLIO PENA, DESENHISTA

Pouca gente sabe que Cornélio Pena, além de escritor é desenhista. A ilustração da capa do seu livro de estréia, «Fronteira», foi desenhada por ele próprio. Cornélio Pena, que é um dos maiores romancistas brasileiros, publicou este ano «Repouso», e está trabalhando num novo romance que se intitulará «Menina Morta».

* * *

A MARCHA DO TEMPO

Algumas curiosidades da vida literária: o sociólogo Gilberto Freyre é autor de vários poemas, inclusive um que se tornou de certa forma famoso: «Bahia de Todos os Santos e de todos os pecados». O poéta Augusto Frederico Schmidt, antes de estrear como autor de livro, foi gerente de uma serraria em Nova Iguaçú, Estado do Rio. Aliás, o romancista E'rico Verissimo começou a vida como prático de farmácia numa cidade do interior do seu Estado natal, Rio Grande do Sul.

* * *

A AMIZADE

Diante de Jacques de Lacretelle, que para repousar empreendeu este ano inúmeras viagens atravéz da Europa, falava-se da amizade.

— Não existe nenhuma amizade que não possua suas fraquezas — disse alguem.

E Lacretelle:

— Sim, é verdade. Mas é muitas vezes pelos pontos fracos que se alcançam as mais fortes amizades.

* * *

«SOLIDÃO NOS CAMPOS»

Após «Um começo de vida» (lançado há poucos meses), em que relata o seu processo de alfabetização, Raymundo Souza Dantas publica agora o seu segundo romance, «Solidão nos Campos». E' a história de uma familia pobre de Sergipe. Focalizando simultaneamente as reações desse grupo humano diante da realidade social que os envolve, e suas singularidades psicológicas, Raymundo Souza Dantas soube realizar um bom romance, que consolida sua posição de ficcionista entre os mais pessoais de quantos têm aparecido nos últimos anos.

Do mesmo autor, «Revista Branca» programa brevemente a novela «Vigilia da Noite».

* * *

«SUL»

Recebemos o número 9 de «Sul», de Florianópolis,

* * *

PROXIMAS EDIÇÕES

Livros anunciados: «Trinta e sete poemas e um prefácio», de Reinaldo Bairão; «A Noiva Perdida no Mar», poemas de Jamil Almansur Haddad; «Os Dois Amores», reedição do romance de Joaquim Manuel de Macedo.

* * *

DO «INGLESES NO BRASIL»

No seu livro «Ingleses no Brasil», conta Gilberto Freyre que «Thomas Lindley, quando esteve no Brasil nos primeiros anos do século XIX, encontrara na Bahia uma tradução portuguesa de «Robinson Crusoé». Este foi talvez o primeiro romancista inglês lido em português no Brasil».

Clave

Valsas de Esquina

JOÃO DA VEIGA CABRAL

QUANDO a gente ouve, tocada por um bom pianista, uma das VALSAS DE ESQUINA de Francisco MIGNONE, tem a esquesita sensação de que escuta a voz de um instrumento através a linguagem sonóra de um outro bem diferente. As cordas são acionadas, vibram as grandes cordas metálicas, mas quem está cantando dentro da caixa harmônica do pianoforte é um enorme violão, tangido pelos dedos trémulos de um seresteiro bêbedo de amor.

O piano é apenas o instrumento erudito que transmite, em forma artística, uma criação autentica da musicalidade popular brasileira. Popular urbana - esclareça-se de passagem — porém não menos legítimo por isso. E, na contribuição popular urbana para formação e fixação da nossa música, representou e mantém o violão o papel incontestavel de uma lira nacional, tão necessário e logico na nossa evolução artistica como o daquele classico instrumento na Grécia da Antiguidade.

Do violão, melodicamente ajudado pela flauta ou pelo canto, ou por estes dois, conjuntamente, renasceu a valsa que nos viera da Europa, das farras granfinas de Viena e com um caracter bem formado de composição para dança coletiva. E renasceu brasileira, dos pés á cabeça. Inteirinha uma canção. Uma, canção, mesmo quando não cantada, mesmo quando tocada somente ao violão, mesmo quando estilizada ao piano ou por orquestra, ainda quando sonorizada ruidosamente por uma banda de música, em noites de retretas ou de festas da santa padroeira.

Sejam quais forem os seus meios de execução, a valsinha não larga o violão um só instante. E' escutar com atenção e sentí-lo, claramente. Lá estarão, sempre, os seus bordões, acompanhando comentario, numa ternura grave. E as cordas finas, as primas chorando, nos floreios, nos trémulos, nos harpejos. E aquele jeitão todo violonistico com que os sons neles se arrumam para os acordes, para o enfeite harmônico.

Quando o Francisco Mignone era o adolescente flautista Chicó Bororó, dos carraspanas paulistanas, foi um bicho na flauta e tocou muita valsa chorosa pelas esquinas, acompanhado pelos melhores violões da sua terra. Agora é o célebre compositor brasileiro, uma das maiores personalidades da música universal camtemporânea. A valsinha e o violão, no entanto, nunca lhe saíram da alma, uma alma bem temperada de um delicado e legítimo lirismo nacional.

As valsas de esquinas são como jóias que êle guardou seu passado seresteiro e agora expõe puras e belas como as sentiu seu coração, à nossa admiração maravilhada.

Mignone é o primeiro grande compositor nacional que sentiu, profundamente, verdadeiramente, o que representa o violão dentro da evolução musical brasileira. E essa compreensão fala tão alto do seu gênio quanto os maiores títulos que se ajuntam, dia a dia, aos seus louros de artista criador.

Aqui pelo Nordeste, a floração valseira (não posso chamar valsisa porque este é o que dansa valsa) sempre foi uma das mais ricas e bonitas do País. Recife foi, no primeiro quartel deste Século, um centro formidavel dessa forma de composição. Dezenas de compositores populares e semieruditos a praticavam, admiravelmente. Quem pode esquecer aquela valsinha, parece-me do Alfredo Gama, que falava nas penas de amor daquela que era "a mais gentil das praieiras" e que era "louca pelo seu pescador"? Coisa gostosa e sentida que fazia um nó na garganta da gente. É um verdadeiro modêlo de valsa canção, do bôa, da nossa.

Na Paraíba, por essa época mais ou menos, os nossos músicos, intuitivos ou alfabétizados fizeram valsinhas para ninguém botar defeito. De Euclides Aranha, por exemplo, um ótimo flautista e violonista já desaparecido, conheço duas que são, sem favor, lindissima : "Isaura Lima" e "Flor do Ano". As valsas do Camilo Ribeiro, valem ouro e ainda hoje são executadas. Julião, um músico da nossa Banda da Policia, deixou algumas simplesmente deliciosas. Recordo-me dos nomes e de alguns trechos de duas de suas valsas: "Três Pérolas" e "Ouro Sobre o Tejo".

Modernamente estão compondo valsas encantadoras, aqui na terra, o Milton Dantas, o Guiguí e outros excelentes criadores da nossa melódica popular. As de Milton, sobretudo, são bonitas de doer.

Felizmente a valsa não se arcaizou, como a modinha. Ela é, hoje, uma realidade, dentro da canção popular urbana brasileira. Não cabe, aqui, uma referencia particular ás suas manifestações matutas, ingenuamente lindas e dignas de um sério estudo.

Ha uma valsa, já bem velhinha, do compositor Aristides M. Borges, que se tornou nacional e é uma das coisas mais bonitas que se fez até hoje, no gênero, em todo o Brasil. Denominou-se — vejam só que nome! — "Subindo ao Céu". E é mesmo uma ascenção, mas para um paraíso muito da terra, muito carnal, o diabinho daquela valsa.

DEZ MIL ANOS DE DESCOBERTAS

Se vocês olharem ao seu redor, encontrarão centenas de coisas interessantes, úteis, comodas, sem as quais, nós, os homens de hoje não saberiamos viver. A eletricidade, o rádio, as molas das poltronas e camas, as vidraças, os utensilios de ferro, o papél, os livros, tudo enfim que parece tão comum, não existiu um dia. Foram precisos dez mil anos de trabalhos, lutas, sacrificios para que o homem de hoje pudesse gosar de todos esses beneficios. E é a história desses dez mil anos que vem contada neste livro de muito interesse. (Trad. R. Almeida).

Correio das Artes

ANO I Número 37 — Suplemento Literário de A UNIÃO — João Pessoa, Paraíba — Domingo, 4 de dezembro de 1949

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

JOSÉ SALDANHA

1892 — 1942

JOSÉ SALDANHA DE ARAUJO nasceu em Alagôa Nova em 20 de março de 1892, sendo filho de José Antonio de Araujo Lima e Raquel Travassos de Araujo. Fez seu curso secundario no Colégio Diocesano Pio X. Bacharelou-se na Faculdade de Direito do Recife, em 1916. Advogado, foi nomeado juiz de Piancó, depois, de São José de Piranhas e ainda de Teixeira. Ocupou a promotoria de Souza, de Pombal, de Tabaiana e de Alagôa Grande.

Faleceu, em Umbuzeiro, no dia 4 de julho de 1942.

Publicou: "A' sombra das oiticicas" — versos — Tip. d' "O Rio do Peixe" — Cajazeiras — Paraíba — 1926; "Ao canto das seriemas" — versos — Imprensa Oficial — Paraíba — 1927; "Maio" — poema — Teixeira — Paraíba — 1928.

Deixou, inédito, "Litaniae Virginis" — poema.

PAU-D' ARCO

Heril, do coração da mata se alevanta
O pau-d'arco ostentando a loura coma ondeante...
E o sol, abrazador, com ciume, vê-se adiante
De outro sol que reluz nos galhos de uma planta...

E' um céu de ouro por sob um céu azul que encanta!
O vento, forte, o agita e, dêle, instante a instante,
Em espirais de perfume a essencia penetrante
Se evola pelo espaço e em todo o espaço canta!

De longe d'entre a mata o pau-d'arco se avista:
— Esmera-se em lavor a natureza artista,
Por essa exibição que a magnitude encerra!

E um turbilhão de flôr que arco-irisando desce
Do pau-d'arco, pompeando a aurea coma, parece
Um belo pôr de sol no coração da terra!

O ABÔIO

Quando se percebe ,ao longe,
Um abôio enternecido,
Quem póde fazer mais nada?
Quem dêle tira o sentido?

A lenta voz dos vaqueiros
E' a propria voz do sertão,
Que, desde a infancia, esculamos
Com o ouvido do coração!

AS SERIEMAS

No sertão... Um canto forte
Semelhando gargalhadas,
Desferido das campinas,
Vae morrer pelas quebradas...

São esquivas seriemas,
Elegantes, sempre em bando,
Que vagam, pelas campinas,
Ao vir do dia, cantando.

Se vamos, de perto, ouvi-las
Desconfiadas, não cantam,
E, logo, muito ligeiras,
A' nossa vista, se encantam.

Mas, não tarda que escutemos
Morrendo pelas quebradas,
Das seriemas ariscas,
Novamente, as gargalhadas...

POEMA DA BRANCURA E DA HARMONIA

I

No sertão dos Espinharas,
graúna branco,
quantos, ainda, não te conhecem?!

II

Mesmo proximo aos teus,
cantas o canto, que eles gostam de cantar,
por que não venhas parecer alma penada,
entre eles, a errar...

III

Quem te vê ,
graúna branco,
se se espanta,
é que descrê na propria força do Senhor...
Pede, por isso, a Deus perdão...
E canta...
Canta um hino ao Creador,
por que não venhas ser colhido,
graúna branco,
no sertão,
como um capulho de algodão...